

Festa e educação dos sentimentos: a sala de aula dos Ciriacos

Rudney Avelino de Castro

Bacharel em Relações Internacionais e mestre em Ciências Sociais; Bolsista(1A) de Apoio Técnico a Pesquisa do CNPq, pesquisador do Centro de Estudos da Religião Pierre Sanchis (CER) da UFMG., e-mail: rudney_castro@yahoo.com.br

Resumo

No congado, em geral, observa-se uma nítida proeminência da educação infantil no curso das festas, principalmente via práxis, momento em que a transmissão das regras formais do rito processa-se na execução mesma do rito, não na forma de exortações oratórias negativas e prescritivas, mas na estimulação lúdica da participação infantil, por meio de gestos efetivos, de apoio e de incentivo. Este trabalho tem como feitiço realizar a análise da educação das crianças na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, os Ciriacos, a partir do campo da Antropologia e Sociologia, em destaque, da Religião.

Palavras chave: Festa. Religião. Educação dos sentimentos.

Celebration and education of feelings: the classroom of Ciriacos

Abstract

Generally, within the Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, there is a clear highlight of early childhood education in the course of the parties, through practice, that during the transmission of the rite of formal rules for carrying out the same rite. There are not oratorical negative exhortations and prescriptive, but playful stimulation of child participation through effective gestures of support and encouragement. This work deals with the education of children through the analysis of the Irmandade de Nossa Senhora do Rosário of the Blacks, the Ciriacos, from the Anthropology and Sociology field, under the bias of religion.

Keywords: Parties. Religion. Education of feelings

“Dios fluye em todas las criaturas y, sin embargo, permanece intacto a todo. Dios está em las cosas, pero también, em igual grado, sobre ellas. El alma es a través de Dios y sin él no es nada, mas Dios

tampoco es nada sin el alma, ver a Díos es ló mismo que ser visto por Díos.” (SIMMEL, 2012, p.35)¹

Rosário de mistérios e de Festa: em louvor a Maria

A experiência do sagrado ultrapassa o complexo de ideias alocadas na razão, ou seja, na busca por uma resposta que esteja restrita à causalidade; sendo uma experiência mais próxima à eclosão de sentimentos e ao amadurecimento desses. Nesse campo, Otto (2007) diz que [...] *uma coisa é ter ideia sobre o sagrado, outra, perceber e dar-se conta do sagrado como algo atuante, vigente, a se manifestar em sua atuação*. De tal maneira, o contato com a dimensão do sagrado é, principalmente, a experiência vivida por meio de manifestações das religiosidades, tanto no silêncio de uma prece, quanto na efervescência de cânticos ritmados, de glossolalia, de rezas, etc., mas não uma explicação, uma interpretação, uma vez que o sagrado é uma força que se revela na duração da atuação daquele que o busca.

O louvor ao Rosário de Maria faz com que uma comunidade de sentimentos sejam vividos e transmitidos, via educação dos sentimentos, às sucessivas gerações. Este trabalho tem como feitiço realizar a análise da educação das crianças na Irmandade do Rosário, os Ciriacos, a partir do campo da Antropologia e Sociologia, em destaque, da Religião. Para tanto, busca-se fazer a reflexão a partir de conceitos tais como *dádiva*, *educação dos sentimentos*, *cosmização* e, para que o encontro seja celebrado, o arremate dos pontos que unem essa seara de conhecimentos, faz-se em meio à *festa*.² Ao relatar a continuidade, o encantamento e a jocosidade intrínseca à realidade festiva, Perez (2011) diz que:

A festa é o espaço/tempo, do encantamento, da alucinação. Ela nega a carência, a precariedade, sem negar a realidade, mas transfigurando-a exacerbando-a por um realismo irônico que dela

¹ Deus flui entre todas as criaturas e, no entanto, permanece intacto a todos. Deus está nas coisas, mas também, de igual maneira, sobre elas. A alma só existe através de Deus e sem ele não é nada, mas Deus também não é nada sem a alma. Ver a Deus é o mesmo que ser visto por Deus. (Livre tradução de Simmel, 2012, p. 35).

² Ao fazer referência à Virgem Maria, Martins (2014) diz ser ela “estrela no mar pra os que navegam em meio a esta vida turbulenta e dirigem seu curso com o exemplo de suas virtudes e de seu patrocínio. Ela, que deu à luz a esperança deste mundo, deve ser exaltada porque excede [o excesso é constante referência aos dons de Maria] toda a dignidade possível numa criatura. Iluminada pelo Pai das luzes, pelo seu Filho, que é o sol da justiça e pelo Espírito Santo que a enche de graça. O apocalipse a chama de mulher vestida de sol, aquela que irradia sobre os homens suas virtudes. É chamada mirra por seu odor suavíssimo e amargura, por suas dores e padecimento que a fazem ultrapassar a condição de mártir [vide o centenário das Dores de Maria e de Nossa Senhora das Dores, apunhalada]”. (MARTINS, 2014, p.49).

ri. Ela mostra a relatividade da realidade, este pequeno nada, a partir do qual a tragédia se transforma em comédia, e vice-versa. (PEREZ, 2011, p. 150).

Ao considerar que a festa não se limita ao tempo do rito, uma vez que ela acontece antes, durante e depois, irmanados aos Ciriacos, o rosário de mistérios silenciosos, em meio a jocosidades e à fartura de sorrisos nos revela toda a maestria dessa *co(fusão)* das emoções, das orações, dos cheiros e das cores que dá vida à festa, neste espaço de efervescência, visitantes e agregados não saem indiferentes às comemorações da/na comunidade.

Torna-se necessário, ao falar em religião, compreender que via práxis, via experiência, as escrituras, o verbo, ou seja, a potencia criadora irrompe-se como um broto vertiginoso que atribui vida ao ser individual e forma ao tecido social, fatos que ao se sucederem no tempo- espaço viabilizam o contato com o sagrado que está adormecido no leito das tradições.

Considero ser redundante dizer que a prática religiosa esteja preñe de ritos, de memórias, e da dimensão mágica. Tais observações são importantes para que possamos ir além da busca por uma verdade, uma vez que o próprio rosário e o seu percurso de ação é o convite a envolver-se nos mistérios, mistérios esses que podem ser adjetivados, mas nunca revelados³.

Para além da busca por uma verdade inabalável, na religiosidade vivida por meio dos Ciriacos, encontramos um complexo de imagens, de rezas, de canções, de práticas, onde hi[estórias e memórias são instrumentos pedagógicos que ao mesmo tempo encanta e educa a todos aqueles que ali se irmanam por meio da fé e da alegria do contato. Ainda que ultrapasse a razão, a experiência religiosa não se descola dessa, para o cientista a busca pela verdade é um fim em si mesma, objetivo de um processo

³ Ainda no prelo, o livro da Professora Léa Freitas Perez, *Viagens textuais: da escritura da experiência na experiência da escritura*; que será lançado pela editora Medianiz, Porto Alegre. Em uma das suas passagens diz que “O Rosário, derivado do latim medieval (*rosarium*), designa a grinalda de rosas. Não há uma data precisa sobre sua origem, se é mesmo de origem que se trata, que remonta aos primeiros séculos da igreja primitiva. Sabe-se que tomou forma nos mosteiros católicos, até o século X, quando iniciou expansão mais acentuada. O rosário de 150 ave-marias teria provindo de relatos populares de um monge que costumava rezá-lo dessa forma. Atribui-se-lhe igualmente a irmãos leigos que, pouco familiarizados com a língua latina, teriam substituído a reza dos 150 salmos do Ofício divino (*breviário*, escrito em latim) por 150 ave-marias. Para contá-las, serviam-se de dezenas de contas ou grãos, ligados por um cordão. Os fiéis começaram também a rezar o rosário que, pouco a pouco, tornou-se uma espécie de *Breviário* do povo. Sua difusão, e posterior expansão, é atribuída a São Domingos de Gusmão (século XII), conhecido como o apóstolo do rosário, cuja devoção propagou aos católicos como arma contra o pecado e contra a heresia albigense, que assolava Toulouse (França). O nome terço popularizou-se por ser, como o nome diz, a terça parte do total das 150 ave-marias, ou propriamente do rosário.”

de conhecimento, em contrapartida, para o crente não existe tal possibilidade porque essa busca é algo que o transforma no processo de conhecimento e do *acreditar em acreditar*⁴.

Como muito bem disse Otávio Velho (2010) ao *contrário do que muitos intelectuais supunham, a religião não desapareceu ou sequer restringiu-se à esfera privada. Diria que um dos principais papéis da religião no mundo de hoje é justamente postar-se como esfinge diante desse pensamento. A esfinge, que não está restrita à duração do rito, pode ser aqui compreendida na forma de força e de perseverança, alentos à memória, dádiva que transpõe o espaço e se perpetua no tempo, nas lembranças, no afeto, nas orações e devoções que encontram solo fértil para que a semente brote e floresça como se fossem especiarias capazes de temperar as almas e saciar de vida a fome de sagrado daqueles que doam-se ao rosário da virgem.*

Se o lúdico é uma maneira de adentrar a dádiva desmedida das emoções, o congado é a contradádiva que nada inflige e tudo acolhe e, via estímulos, direciona e guia a potencialidade ligada a criatividade e à polidez das emoções de suas crianças. A transmissão de valores, comportamentos e hábitos via gerações se faz via práxis, do contágio do e no tempo festivo.

Reciprocidade: Irmandade de sentimentos e transmissão de saberes

Antes mesmo de adentrarmos aos relatos, às análises e considerações, faz-se importante ir ao berço, trazer para a escritura a *certidão de nascimento*, destacar o instante no qual a semente desprende-se do tronco e, lançada ao terreiro deu vida, beleza e força à Irmandade os Ciriacos. É o que se segue:

Esta Irmandade é fruto do trabalho iniciado pelo capitão Joaquim Anselmo no lugar chamado Água Funda – hoje Bairro Nacional, nesta cidade. O primeiro toque sob minha direção da Irmandade foi no dia 3 (três) de maio de mil novecentos e cinquenta e quatro, e nesta época o Antonio Jorge Muniz, meu filho, foi fardado Capitão, ele tem muito tempo de Congado. Foram anos de trabalho, mas tudo valeu, porque N. S. do Rosário, sempre deu muita força. Muitas pessoas me ajudaram posso citar alguns nomes como Adelia Rosalina Salino que foi a Rainha

⁴ Tal experiência, nas palavras de Perez (2012, p.202), é [uma espécie de sensibilidade religiosa rigorosamente imprecisa e indefinível que vemos surgir próxima a nós, embora muitas vezes não a queiramos ver, justamente porque sua imprecisão e sua indefinibilidade assustam/apavoram nossos corações e nossas mentes profundamente modernos, corresponde ao “acreditar em acreditar”]

Conga; Argemiro Santiago, Elídio de Souza que foi Capitão, Benedito Rodrigues Filho, Antonia Benedita Aguiar, Feliciano Benedito Dias, foram muitos aqueles que me ajudaram. Quero finalizar dizendo e pedindo a todos, principalmente, os mais moço, respeitem o Congado na tradição, não deixe ele acabar, ele é minha fé. Louvado seja N. Senhor Jesus Cristo. (Ata da Assembleia de Constituição de N. Senhora do Rosário - Os Ciriacos, com fala do Capitão- mor Ciriaco Celestino Muniz. 03 de maio de 1993)⁵.

Os Ciriacos é, não resta dúvidas, uma devota empresa, todos se unem e compõem um só corpo em oração, corpo cerzido pela devoção à Maria. Vê-se ao longo do cortejo pais, filhos, sobrinhos, primos, membros de distintos núcleos familiares, mas uma só família, gerações irmanadas num só corpo em louvor. A fidúcia ao rosário de Maria viabiliza que uma comunidade de sentimentos guie o deleite que somente pode ser sentido por quem está inserido na experiência, na suspensão cronológica durante a cosmização do espaço. Abre-se o portal de acesso a mais polida educação do ser e, ao mesmo tempo, a mais sutil e emblemática festança da fé. Nas palavras de Mauss,

[...] apreendemos mais que ideias ou regras, apreendemos homens, grupos e seus comportamentos. [...] percebemos quantidades de homens, forças móveis, que flutuam em seu ambiente e em seus sentimentos. (MAUSS, 2013, p. 135).

Ao ultrapassar a gênese nostálgica (na possível busca de uma origem remota que justifique os ritos, o dever de representar, porque não se trata do *dever ser*, mas do *ser*) a fidúcia à fé é respondida; na rotura do espaço já cosmizado, ao solo do *axis mundi*, na voz dos tambores a *contradádiva* jorra *à la fois*: enquanto lá no alto os mastros erguidos são convites a elevar os olhos ao céu debulhado das cintilantes estrelas ou, contas encantadas do Rosário de Maria.

Aqui faz-se necessário lançar luz sobre conceitos acima destacados, refiro-me ao *ser* e ao *dever ser*; de acordo com Agamben (2013, p. 86):

a ideia de um 'dever-ser' não é apenas ética ou nem apenas ontológica: ela liga, ao invés, aporeticamente ser e práxis na estrutura musical de uma fuga em que o agir excede o ser não apenas porque lhe dita sempre novos preceitos, mas também e principalmente porque o próprio 'ser' não tem outro conteúdo senão uma pura dívida.

⁵ Este trecho referente à ata foi retirado do livro: *A voz dos tambores: uma história dos Ciriacos*, p. 16.

Adianto-me à discussão que virá à frente por considerar ser importante trazer à escritura aquele pequeno trecho no qual Agamben (2013) analisa a obrigação e *dever*, logo, dívida, que a teologia medieval deixou como cerne no qual se constitui a religião católica. Acrescento que, na experiência de jovens, adultos e seniores da Irmandade dos Ciriacos, essa noção de dívida é ultrapassada e alocada dentro do conceito de *reciprocidade* ou, *dáviva* conforme trabalhado por Marcel Mauss.

Retomando o *fio da meada*, cá na sede da irmandade o firmamento de bandeirolas, com seus fios tecidos com devoção e arrematados pela assunção da prece, protegem e irmanam os filhos de Maria, no céu dos Ciriacos. A fartura da troca de afetos, na magia intransitiva do verbo amar, é nada menos que contagiante, são esses valiosos benefícios que recebemos das mãos liberais da soberana Rainha assunta ao céu, o convívio entre irmãos⁶.

Mas, se festa que é festa não se limita ao tempo ou ao rito, é na sua preparação que os fios de emoções se irmanam e vão tecendo e revelando as hierarquias, os afetos e, a hierarquia dos afetos e as suas trocas. É na realização das distintas tarefas, nos fragmentos de relatos, na troca de confidências que a prática festiva ganha vida, desde a arrumação do altar, passando pelo enfeite dos mastros, dos andores, na escolha, compra e preparação dos alimentos, na organização das guardas, nas trocas de jocosidades e, nas crianças que, pela via do lúdico, aprendem brincando; a festa acontece a todo instante e irradia-se pelo terreiro da irmandade.

É importante destacar que em meio ao multiverso de acontecimentos, as relações na irmandade seguem o princípio de interação entre iguais, não havendo uma relação de (des)igualdade, mas sim de respeito às hierarquias, de responsabilização no tocante

⁶ De acordo com Eliade, o *axis mundi* é o eixo cósmico, a principal via de comunicação que liga e sustenta o céu e a terra. O mastro é o poste sagrado, cuja base está cravada nos mundos inferiores. O “fundamento” é o marcador do eixo em torno do qual o terreiro é cosmizado, de maneira que, ao qualificar este espaço e o distinguir do todo, ele é elevado à dimensão do sagrado. “Para o homem religioso, o espaço não é homogêneo: o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras [...] É preciso dizer, desde já, que a experiência religiosa da não homogeneidade do espaço constitui uma experiência primordial, que corresponde a uma ‘fundação do mundo’. Não se trata de uma especulação teórica, mas de uma experiência religiosa primária, que precede toda a reflexão sobre o mundo. É a rotura operada no espaço que permite a constituição do mundo, porque é ela que descobre o ‘ponto fixo’, o eixo central de toda a orientação futura.” (Eliade, 1992, p.17-23). Vê-se aqui a importância de acender a vela quando se faz a abertura, anteriormente ao levantamento do(s) mastro(s), bem como a necessidade de fechar este(s) portal(is) logo após o descimento da(s) bandeira(s). Sendo o(s) mastro a comunicação, o “fundamento” é o guardião das portas-trinas (os mundos inferiores, a sede da Irmandade e a morada celeste), não sendo conveniente que espectros fiquem presos entre mundos, o lume da vela é ao mesmo tempo guia e demarcador do ambiente fronteiriço que é fixado no espaço entre mundos.

às tarefas a serem cumpridas. Neste percurso, ao apontar a maneira na qual religião e vida compõe um todo indissociáveis, Perez diz que:

A religião continua a atuar sobre a vida, a ser fonte de sentido e de experiência do transcendente e do mistério, mas não necessariamente e unicamente sob a forma exclusivamente formal da religião institucional tradicional. Talvez fosse mesmo apropriado dizer que não se trata mais da religião, mas de religiosidade, ou, mais ainda, de sensibilidades religiosamente moduladas. (PEREZ, 2011, p. 178).

Ocorre que se o princípio da educação religiosa – via Ciriacos – se relaciona ao cuidado e ao cultivo, a genealogia destes sentimentos provem da polidez do ser, do respeito hierárquico, na possibilidade de ultrapassar a imposição do dever, do medo, da dessemelhança, alicerçando a relação dentro da abertura da *reciprocidade*. Ao analisar a dádiva, Mauss expõe que

[...] as pessoas presentes ao contrato são pessoas morais [...] o que eles trocam não são bens móveis e imóveis, coisas úteis economicamente. São, antes de tudo, amabilidades, banquetes, ritos, danças, festas. (MAUSS, 2013, p. 13- 14).

É notável o fato que neste ambiente o que se troca não são coisas, não são objetos, mas o respeito, o doar-se por completo; doa-se, via festa, ao Rosário de Maria. Mauss (2003) nos diz que “[...] se coisas são dadas e retribuídas, é porque se dão e se retribuem "respeitos" - podemos dizer igualmente, "cortesias". Mas é também porque as pessoas se dão ao dar, e, se as pessoas se dão, é porque se "devem" - elas e seus bens - aos outros”.

Do lúdico ao encanto: a educação das emoções

Elias (2011), ao analisar o controle das emoções na formação das hierarquias e práticas sociais, destaca que o processo civilizatório, tal como foi caracterizado no modo de vida ocidental, idealiza, a partir do indivíduo, uma complexidade que deve ter seu arremate na interiorização de regras e condutas sociais. Tais regras, ao mesmo tempo em que modula os comportamentos, isola a espontaneidade dos indivíduos. Ou seja, em detrimento da expressão das emoções e dos sentimentos, a contenção dos instintos torna-se sinônimo de civilidade.

Nas sociedades hierarquicamente estruturadas, todos os atos praticados na presença de numerosas pessoas [adquirem] valor de prestígio. Por este motivo, o controle das emoções, aquilo que chamamos “polidez”, revestia uma forma diferente da que adotou mais tarde, época em que diferenças externas em categoria haviam sido parcialmente niveladas. O que se menciona aqui é um caso especial de intercambio entre iguais (que uma pessoa não deve servir outra), e que mais tarde se torna a prática geral. (ELIAS, 2011, p. 138).

Nota-se que a polidez, pelo conceito civilizatório a partir de Elias(2011), está no campo dos instintos, logo na pedagogia que tem como método a repressão das emoções. A questão que se coloca, e essa ultrapassa a repressão dos sentimentos como expressão de civilidade, é a maneira na qual o cuidar das emoções é instrumento de poder na experiência lúdica das crianças no congado, logo, na polidez das emoções do *ser*. É por meio das brincadeiras, das danças, das repetições que as crianças vão observando e absorvendo toda a complexidade e extensão da vida religiosa em grupo, de maneira que a regra não é um dever, mas o marcante perfume da memória, essência que é transmutada na práxis, à alma da criança. De modo que o mundo interior de cada uma das crianças está em profunda conexão com o todo da Irmandade, uma ligação que não é estanque, mas um intercâmbio fluido e hierárquico.

No terreiro, no longo trajeto da festa, as crianças brincam e os adultos retribuem as brincadeiras e as provocações e, brincando, cada qual na sua posição, em meio ao multiverso de acontecimentos, forma um corpo em procissão, em louvor, em graça, vivência e sentimento que reluzem todo o poder e a hierarquia presentes na devoção dos Ciriacos.

Sem temer ao tempo e dançando a memória, herança transmitida via práxis, crianças e adultos se educam mutuamente, os pequenos gestos vão crescendo e o corpo da procissão se expande em uma espécie de fractais que reluzem as cores e os movimentos da vida coletiva. Magia!

Para além de conceitos imponderáveis, tais quais “igualdade”, considero que ao fincar as diversas demandas no solo firme das exigências da vida em coletividade, onde a similitude, não a igualdade, é o princípio capaz de guiar na busca pela educação dos sentimentos, uma vez que a “[...] sociedade só pode subsistir se existir entre os seus membros uma homogeneidade suficiente; a educação perpetua e reforça esta

homogeneidade fixando com antecedência na alma da criança as similitudes essenciais que a vida coletiva exige” (DURKHEIM, 2011).

Se o lúdico é uma maneira de adentrar à dádiva desmedida das emoções, o congado é a contradádiva que nada inflige e tudo acolhe e, via estímulos, direciona rumo à criatividade e à polidez das emoções de suas crianças. Assim, transmissão de valores, de comportamentos e de hábitos através das gerações se faz via práxis, da ação contagiante na duração festiva; o tropo contágio é aqui utilizado no intento de expressar o princípio da absorção quase que involuntária de atos, ritos e sentimentos via instrução em comunidade. “[...] *Aqui, toda vida a criançada sempre participou da guarda e a gente sempre procurou passar tudo pra eles, CE vê, ontem eu nem fardei, vim lá do curso que eu tava dando, cheguei aqui e do jeito que eu tava eu fiquei e deixei eles cumprir as obrigações deles*”. São as palavras do Sr. Antônio, Capitão-mor da Irmandade do Rosário – os Ciriacos⁷.

Como já foi dito anteriormente, a pedra angular da educação está alocada no conceito de dádiva maussiana, ou seja, *dar, receber e retribuir*, todo o ato de polir se faz via contradádiva e estímulos, passando distante de possíveis repressões.

O contágio é mútuo, os ensinamentos são apreendidos por meio de um complexo de crenças, sentimentos e hábitos que são capazes de revelar não apenas a personalidade de cada um dos indivíduos, mas as práticas, as tradições, as memórias e os sentimentos que oxigenam o presente e o por vir da Irmandade. Esse conjunto dota de vida o ser em sociedade, ou seja, ao ser social, e é na educação dos sentimentos que é feita a construção desse ser dentro de cada indivíduo e na relação entre todos eles.

Todo esse contágio, essa doação de energia, doação de maná aloca a festa não como uma via de libertação de excesso de regras e deveres, mas como uma constante construção e interação que culmina no incentivo à educação das emoções, transpondo a esfera do dever e adentrando à complexidade do ser. Para além da experiência nos Ciriacos, retomando as proposições de Elias (2011) ao apontar os desdobramentos da repressão social no distanciamento do comportamento dos adultos em relação às crianças, ou seja, a educação formal de repressão dos sentimentos, o autor afirma que:

A sociedade está, aos poucos, começando a suprimir o componente de prazer positivo de certas funções mediante o engendramento da ansiedade ou, mais exatamente, está tornando esse prazer “privado” e

⁷ Este trecho referente à ata foi retirado do livro: *A voz dos tambores: uma história dos Ciriacos*, p. 80.

“secreto” (isto é, reprimindo-o no indivíduo) [...] mas exatamente por causa desse aumento da proibição social de muitos impulsos, pela sua “repressão” na superfície da vida social e na consciência do indivíduo, necessariamente aumenta a distancia entre a estrutura da personalidade e o comportamento de adultos e crianças. (ELIAS, 2011, p.141).

Nota-se que a educação traz em si uma complexidade tão grande quanto os métodos para alcançá-la, no entanto, seja na sala de aulas formais ou na sala de aula dos Ciriacos, ela é exercida pelas gerações de adultos e tem por finalidade provocar na criança o amalgama de estados corporais, mentais e morais que lhe demandam a sociedade no seu conjunto e, particularmente, no meio no qual está a criança inserida. Segue abaixo o trecho de Dellamore e Junior (2015), momento em que o Sr. Antônio, ao relatar o poder e a grandeza d’alma dos pequenos Ciriacos, diz que:

Na irmandade, os jovens que hoje comandam a guarda, foram as crianças do passado. [...] trazer as crianças para dentro do Reinado de Nossa Senhora do Rosário, para ocupar um cargo de importância, é prepará-las desde cedo para dar seguimento a essa tradição. As crianças aprendem desde cedo os ensinamentos do Reinado e a tocar os instrumentos como as gungas e os tambores, observando os mais experientes e com algumas orientações. Ensinar as toadas do tambor é apenas uma “correção”, as crianças já nascem dentro do Reinado... já nascem sabendo tocar. (DELLAMORE; ANDRADE JUNIOR, 2015, p. 79).

A partir da fala do Sr. Antônio, percebe-se que educação dos sentimentos pode ser compreendida na sabedoria que é capaz de fazer desabrochar na criança o desejo, a curiosidade a criatividade no contato com a dimensão lúdica, despertando nela o prazer de sentir-se parte das emoções experimentadas durante os ritos, e juntamente com as emoções todo um modo de vida, que transborda a repressão do dever, e permite ao indivíduo a experiência não de igualdade, mas de similitude e de potência.



FIGURA 1: Crianças do Ciriacos, 2016
Fonte: CASTRO, Rudney..

Na sala de aula dos Ciriacos

Como encontrar o outro, como fazê-lo falar, como se fazer ouvir, como compreendê-lo, como traduzi-lo, como influenciá-lo ou como deixar-se influenciar por ele... na maior parte dos casos, a resposta a essas perguntas aparece lá onde não se espera, lá onde não há nenhum método. Como se a dessemelhança devesse sempre se confirmar, como se o equívoco fosse a regra e o diálogo um puro acaso. (AMORIM, 2004, p. 31).

Bastide (1983) nos diz que precisamos transformar naquilo que estudamos “[...] é preciso, apelando para um ato de amor, transcender nossa personalidade para aderir à alma que está ligada ao fato a ser estudado”. Todo esse complexo de contágio mútuo faz-se importante uma vez que não sou eu, estudioso, investido na opa da razão que poderia me atrever a dizer quem é o outro, porquanto o outro está, na maioria das vezes, não na fala, mas nos silêncios, nos olhares, nas brincadeiras e, dentro desse complexo de vozes, de sigilos e de soslaios, não há apenas uma margem na busca por familiarização, mas todo um multiverso cultural e de interações em vários níveis de contato.

Ao mesmo passo, o grupo se movimenta para receber e transmitir seu *modus vivendi* e seu aprendizado àqueles que, no princípio, era nada mais que “estrangeiros”, nesse sentido não me furto a dizer que fui (e sou) a criança que paulatinamente foi/é convidada a educar, polir, burilar os seus próprios sentimentos, transcendendo a si mesma no contágio da presença e do fazer festa.

Era manhã de 15 de maio de 2016, os mastros de Nossa Senhora do Rosário, de Santa Efigênia, de São Benedito e dos Pretos Velhos já estavam erguidos, embalados pela brisa da fria manhã, anunciavam a chegada da festa: é a vida, é o sol, é a alvorada que irradia. Mais próximo ao terreiro, entre os mastros e o “fundamento”, no arripio dos tambores, as bandeirolas de cores amarelas e marrons formavam uma espécie de pátio, fios a conduzir os reis festeiros ao *poste sagrado*; Guiados pelos capitães e pela guarda de congo, os reis se iluminavam na gênese do dia: a alvorada de São Benedito.

Bastide (2009) nos aponta que “[...] as leis agem ao acaso dos acontecimentos, as causas desenrolam a cadeia de seus efeitos sem que a gente saiba onde irá deter-se”. Esta reflexão, a partir de Bastide, faz-se importante para adentrar à minha experiência, ao afortunada saimento de algo que lampejou no meu caminho, *no equivoco da regra e no puro acaso do diálogo*. Indo além, mas sem me distanciar das bem-aventuranças da fortuna, este meu relato se aproxima à ideia de reciprocidade a partir do conceito de dádiva em Mauss; vamos ao fato. Enquanto o rito acontecia ao largo do orvalho, eu fiquei lá dentro, na capela da irmandade, sentado aos pés do altar, com a câmera na mão e conversando com uma juvenzinha de encantos mil, com seus olhos faiscantes, negros como a noite e seu sorriso largo como a manhã de um dia claro, ela desabrocha de sua sétima primavera. Tirei a alça da câmera e coloquei sobre o pescoço dela, na intenção de ensiná-la a fotografar. Em poucos instantes, sem titubeios, a linda menina já estava capturando as imagens ao seu redor. Foi quando ela olhou para o altar, tirou a câmera do pescoço, me entregou e apontando em direção ao altar me disse: “aquela espada era da minha avó, ela cantava, agora ela é minha, eu que vou cantar”, prosseguiu, “aquele bastão é da minha tia, o outro é de [tal] pessoa”. Naquele instante o véu do desencanto se dissipou em mim, e diante do altar eu me percebi na presença de todos os antepassados, os antepassados dos antepassados, os sacras sagrados que carregam o poder de toda a religiosidade manifesta.

A menina, na sua natureza espontânea, foi capaz de me revelar a força (potência) que está viva na tradição, na cultura religiosa, logo no modo de vida. Conhecimento viabilizado pela educação dos sentimentos, elemento fundamental na moldagem das personalidades e na direção da polidez e da etiqueta dos hábitos e comportamentos.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Opus Dei: arqueologia do ofício: homo sacer, II,5**. São Paulo: Boitempo, 2013.

AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo (SP): Musa Editora, 2004.

BASTIDE, Roger. **Estudos Afro-brasileiros**. São Paulo: Perspectiva, 1983.

DELLAMORE, Carolina; ANDRADE JUNIOR, Adebald de. **A voz dos tambores: uma história dos Ciriacos**. 1. ed. Contagem, MG: 2015.

DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. Lisboa (PT): Edições 70, 2011.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**; [tradução Rogério Fernandes]. São Paulo (SP): Martins Fontes, 1992.

ELIAS, Nobert. **O processo civilizador, volume I: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro (RJ): Zahar, 2011.

MARTINS, Marcos da Costa. **O cortejo da Virgem** In: *Variações Sobre o Reinado: Um Rosário de Experiência em louvor a Maria*. Porto Alegre (RS): Medianiz, 2014.

MAUSS, Marcel. **Ensaio de Sociologia**. São Paulo (SP): Perspectiva, 2009.

_____. **Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas**. São Paulo (SP): Cosac Naify, 2013.

_____. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

OTTO, Rudolf. **O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional**. Petrópolis: Vozes, 2007.

PASSOS, Mauro; NASCIMENTO, Maria Regina do. **A Invenção das Tradições: crenças e formas de expressão religiosa**. In: "Não abandone o homem aqueles que Deus chamou - "Encomendações de almas" na religiosidade popular em Minas Gerais. Belo Horizonte: O Lutador. 2013.

PEREZ, Léa Freitas. Acreditar em acreditar com Gianni Vattimo. **Numen**: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, V. 15, n. 1, p. 187-215, 2012.

_____. **Festa, religião e cidade**: corpo e alma do Brasil. Porto Alegre: Medianiz, 2011.

PEREZ, Léa Freitas. **Religião e Sociedade de Consumo**. Florianópolis (SC). Dez, 2003.

SIMMEL, Georg. **La Religión**. Barcelona (ES): Editorial Gedisa, S.A, 2012.

VELHO, Otávio. Entrevista. Corram riscos. **Revista ANTHROPOLÓGICAS**, ano 14, vol.21(2), p. 329-341, 2010.